



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Representações Sociais dos Jovens no seriado *13 Reasons Why*: considerações sobre culturas juvenis, expressões de si e condutas de risco¹

Marcella Azevedo²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio

Resumo

Tomando como objeto de análise a versão audiovisual de *13 Reasons Why*, considerado um dos maiores sucessos mundiais de 2017 da plataforma Netflix, pretende-se analisar as representações sociais juvenis veiculadas na primeira temporada da série. A reflexão volta-se para as construções identitárias e interações sociais entre adolescentes, tendo como eixos temáticos principais as culturas juvenis, as expressões de si e as condutas de risco. A visibilidade alcançada pelos adolescentes na série reflete subjetividades juvenis e, ao mesmo tempo, os toma como agentes sociais em arenas de disputas de poder – como a mídia –, em uma busca incessante por sentidos no mundo, assim como em suas próprias existências. A série causou polêmica ao abordar de maneira direta a questão do suicídio juvenil, incitando debates na sociedade em torno do tema.

Palavras-chave: Representações sociais; juventude; *13 Reasons Why*; condutas de risco; suicídio.

Introdução

Com estreia mundial em 31 de março de 2017, o seriado *13 Reason Why* alcançou rapidamente enorme popularidade, se tornando a produção mais comentada da plataforma *Netflix*, responsável pela produção e distribuição da obra. Foram contabilizados mais de 350 milhões de *tweets* (posts na rede social *Twitter*) sobre a série durante a sua primeira semana de exibição³. Muitas reportagens

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 2 – Comunicação, Consumo e Identidade: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. E-mail: msazevedo@globocom.com

³ Informações disponíveis em <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/as-10-series-originais-da-netflix-mais-populares-do-momento/>. Acesso em 22/04/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

repercutiram notícias e desdobramentos sobre a obra, com entrevistas com seus atores, produtores e roteiristas; outras matérias exploraram os temas abordados na narrativa. Diante do sucesso, a segunda temporada da série foi confirmada⁴.

Além disso, registrou-se um aumento de 445% na busca por ajuda contra o suicídio – principal temática de *13 Reasons Why* – no Centro de Valorização da Vida – CVV, associação civil brasileira, sem fins lucrativos, que presta serviço de apoio emocional e prevenção de suicídio⁵. A relevância da temática é confirmada por levantamento recente divulgado pelo Ministério da Saúde que aponta o suicídio como a quarta maior causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos no Brasil⁶. Além disso, dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2014 revelaram esta como a segunda maior causa de morte de jovens com essa mesma faixa etária em todo o mundo⁷.

Baseada no livro *Os 13 Porquês*, do americano Jay Asher, a série conta em 13 episódios os fatos que terminaram por levar a jovem protagonista Hannah Baker ao suicídio. A narrativa tem início no momento em que o outro protagonista, seu colega Clay Jensen, recebe uma caixa com 13 fitas gravadas por Hannah, nas quais ela, ainda em vida, narra sua versão dos acontecimentos que a levaram a cometer tal ato e aponta as pessoas envolvidas. Enquanto escuta as fitas, Clay reconstrói o “quebra-cabeça” dos acontecimentos decisivos e a narrativa se alterna entre duas linhas temporais: a do passado, com Hannah ainda em vida, e o presente, após sua morte. Importantes temas associados à adolescência são abordados, como *bullying*, dificuldade de diálogo com os pais, iniciação sexual, busca por aceitação pelos pares e questões relacionadas ao corpo. Estupro e violência sexual também são retratados.

O objetivo deste artigo é, a partir das representações sociais veiculadas na versão audiovisual de *13 Reasons Why*, analisar algumas subjetividades juvenis e interações sociais entre adolescentes. Tal narrativa ficcional é rica com relação às representações sociais dos jovens que veicula e constitui-se em profícuo material para análise. A reflexão terá como eixos temáticos principais as culturas juvenis, as expressões de si e as condutas de risco associadas aos jovens.

⁴ Informações disponíveis em <http://www.huffpostbrasil.com/2017/05/07/oficial-13-reasons-why-vai-ganhar-um-a-segunda-temporada-na-a-22074086/>. Acesso em 22/04/2018.

⁵ Informações disponíveis em <http://exame.abril.com.br/brasil/serie-da-netflix-faz-crescer-busca-pelo-cvv-em-445/>. Acesso em 22/04/2018.

⁶ Informações disponíveis em <http://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2017-09/suicidio-e-quarta-maior-causa-de-morte-de-jovens-entre-15-e-29-anos>. Acesso em 23/04/2018.

⁷ Informações disponíveis em <http://jornal.usp.br/radio-usp/radioagencia-usp/suicidio-e-a-quarta-causa-de-mortes-entre-jovens-no-brasil>. Acesso em 23/04/2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O romeno Sérgio Moscovici (2011) afirma que as representações sociais atuam de forma a convencionar e categorizar objetos, pessoas e acontecimentos, colocando-as em modelos que são conhecidos e partilhados por todos. Ainda segundo ele, as representações se impõem sobre nós, desempenhando uma força que se estabelece sobre a sociedade e seus indivíduos de forma inequívoca, facilitando sua reprodução e influenciando a informação, compreensão e julgamento do momento presente. Moscovici vai mais além ao estabelecer uma ligação de interdependência entre as representações sociais e a comunicação. Ao permitir a existência de códigos compartilhados, as representações tornam a comunicação possível. Ao mesmo tempo, porém, as representações são fruto da comunicação, que as colocam em circulação no interior da sociedade. Sendo assim, a obra midiática, no caso o seriado aqui analisado, ao mesmo tempo em que reflete representações juvenis que circulam em nossa sociedade, produz diferentes representações, que são colocadas em circulação, influenciando os indivíduos na forma como eles próprios entendem a juventude.

A pesquisadora Vera França (2004) também destaca a influência determinante dos contextos históricos e sociais nos processos de formação, circulação e ressignificação das representações sociais:

As representações estão intimamente ligadas a seus contextos históricos e sociais por um movimento de reflexividade – elas são produzidas no bojo de processos sociais, espelhando diferenças e movimentos da sociedade; por outro lado, enquanto sentidos construídos e cristalizados, elas dinamizam e condicionam determinadas práticas sociais. Na sua natureza de produção humana e social, têm uma dimensão interna e externa aos indivíduos, que percebem e são afetados pelas imagens (passam por processos de produção e afecção) – e, desses processos, as devolvem ao mundo na forma de representações (FRANÇA, 2004, p. 19)

França propõe uma aproximação do conceito de representações sociais com o de mediações. Ao retomar os estudos de pesquisadores que discutiram previamente as mediações, a autora propõe uma rápida definição para o conceito: “Mediações (grosso modo) se referem às nossas práticas sociais, à nossa inserção na cultura, na história e no cotidiano” (FRANÇA, 2004, p 20). Tem-se então que as mediações jogam luz no campo da recepção, buscando compreender as mais diversas possibilidades de apropriação do conteúdo midiático. Os sujeitos sociais, inseridos em seus contextos relacionais, históricos e culturais específicos vão lidar e se apropriar das representações midiáticas a partir de processos de subjetivação os mais variados. Compreender as dinâmicas que perpassam essas relações, propõe a autora, é questão fundamental da comunicação:

A comunicação é esse processo em que imagens, representações são produzidas, trocadas, atualizadas no bojo de relações; esse processo em que sujeitos interlocutores produzem, se



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

apropriam e atualizam permanentemente os sentidos que moldam seu mundo e, em última instância, o próprio mundo (FRANÇA, 2004, p. 23)

Desta forma, as representações estão também ligadas ao processo de constituição das subjetividades. E mais, além de oferecer opções de estilos de vida e de “modos de ser”, a mídia, por meio de uma série de recursos os mais variados, oferece possibilidades de acesso a uma “visibilidade sociocultural” ao mesmo tempo em que apresenta determinado poder de agência. Tal como afirma Rose de Melo Rocha (2008):

Dentre as estratégias adotadas para o estreitamento de vínculo com o público leitor, a mídia propõe a criação de todo um cenário ou cena interpretativa na qual se articulam – de modo sequencial, relacional e pouco hierárquico – diferentes fragmentos de visualidade e variadas proposições de visibilidade. Tal recurso faz ressoar modelos ideais de comportamento, sugestões acerca de estilo de vida, parâmetros de apresentação corporal e, obviamente, um verdadeiro álbum imagético que se oferece como referencial para construções identitárias (ROCHA, 2008, p. 126).

A partir dessas considerações, pretende-se então, analisar as representações dos jovens veiculadas em nosso objeto de estudo, a série *13 Reasons Why*, que mostra o cotidiano fictício de um grupo de adolescentes em uma típica *high school* dos Estados Unidos.

Culturas Juvenis

Tomaremos aqui a adolescência como uma categoria social, historicamente construída. Não há uma faixa etária determinada para considerar um indivíduo adolescente ou não, a discussão transcende a idade. Edgar Morin (2009) concorda que a adolescência é uma categoria histórica e desenvolve uma conceituação para o termo:

A adolescência seria a fase em que o jovem humano, já meio desligado do universo da infância, mas não ainda integrado no universo do adulto, sofre indeterminações, biterminações e conflitos. Por conseguinte, só pode haver adolescência onde o mecanismo de iniciação, transformando a criança em adulto, se deslocou ou decompôs-se, e onde se desenvolveu uma zona de cultura e de vida que não está engajada, integrada na ordem social adulta (MORIN, 2009, p. 137).

Para Morin, a “adolescência-juventude” lida, concomitantemente, com os caracteres de indeterminação, ou seja, esta imbricação e ao mesmo tempo distanciamento dos universos infantil e



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

adulto; e de determinação, uma vez que, segundo ele, preenche essa zona ambígua pela cultura adolescente e pela condição de estudante e escolarização prolongada. Para o autor, a adolescência é a fase em que “rupturas e perturbações atingem seu máximo de intensidade” (MORIN, 2009, P. 144), com a recusa à ordem antiga, com a proposta de valores novos e com a busca por uma autonomia tanto em relação à infância quanto ao mundo adulto.

No cotidiano dos jovens retratados na série é possível observar essa indeterminação, essa oscilação entre os mundos infantil e adulto. Esses jovens são estudantes e dependem financeiramente de seus pais, mas Hannah e Clay, os dois protagonistas, trabalham juntos no cinema da cidade, e esse trabalho remunerado é parte constituinte do universo adulto. Muitos personagens consomem bebidas alcóolicas - cuja venda é proibida para menores de idade - e drogas ilícitas, conseguem muitas vezes ir a lugares e eventos sem precisar da autorização dos pais, mas ao mesmo tempo estão submetidos à vigilância constante, precisando dizer aonde vão (mesmo que mintam nessas situações, precisam dar essa satisfação), precisam se adequar a horários pré-estabelecidos e justificar seu desempenho na escola assim como assegurar o cumprimento da rotina e das obrigações estudantis. Há ainda a relevante cena em que Hannah insiste com seus pais que lhe deem mais responsabilidades e pede para que a deixem ir ao banco pagar uma conta importante da família. Os pais aceitam a ajuda da filha, mas ela perde o envelope com o dinheiro, o que acaba acarretando um grande prejuízo financeiro. Ao perceber a gravidade da situação, Hannah se sente muito mal por decepcionar seus pais, mas principalmente, por frustrar suas próprias expectativas de poder assumir aquela que é uma das responsabilidades típicas de um adulto.

No que tange mais especificamente às culturas juvenis, José Machado Pais (1993) se posiciona contra abordagens que as consideram exclusivamente como grupos geracionais ou como grupos de classes. O autor defende a importância de se adotar perspectivas diferenciadas nos estudos sobre grupos juvenis. Com relação à sociabilidade dos jovens, Pais afirma que a reunião de indivíduos em um mesmo grupo, assim como a contraposição desse grupo perante outros, traz à tona questões identitárias. Amigos que se reúnem normalmente apresentam certa identificação entre si: “os amigos de grupo constituem o espelho da sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação a outros” (PAIS, 1993, p. 94). Os grupos vão também assegurar certa proteção a seus integrantes, propiciando o espaço para que possam exercer suas individualidades e também “desenvolver formas genuínas de participação social” (PAIS, 1993, p. 94). É interessante aqui observar



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

mais uma vez o que é retratado na série analisada. Hannah, Jessica e Alex são alunos novos na escola e não conhecem previamente os colegas. Sendo assim, não pertencem ainda, no início da narrativa, a nenhum grupo de alunos. Acontece então que os três acabam por se reunir, criando aí um novo grupo, no qual o único requisito para se fazer parte era ser aluno novato, esta era a chave de identificação. Enquanto integrantes de tal grupo, se sentiam de certa forma protegidos e mais fortalecidos no dia-a-dia. Com o passar do tempo, porém, Alex acabou por migrar para outro grupo, o dos meninos veteranos e atletas em sua maioria. De certa forma, ele deixou de ser aluno novo, estabelecendo com os amigos mais recentes outras referências para identificação, que se sobrepuseram à frágil ligação dos alunos novatos. A amizade entre Hannah e Jessica também foi abruptamente interrompida.

Pais (1993) destaca que, ao mesmo tempo em que os grupos reforçam as subjetividades individuais de seus integrantes, se marcam por oposição aos que estão fora, ou seja, aqueles com os quais os jovens não se identificam. O autor afirma que aos grupos estão associados determinados comportamentos e imagens. Podemos destacar na narrativa dois grupos bastante coesos que ilustram essa afirmação de Pais: o grupo dos atletas, formado pelos meninos fortes, valentes e descolados; e o grupo das líderes de torcida, que seria seu equivalente feminino, composto pelas meninas consideradas mais bonitas e populares. Podemos observar que entre os integrantes desses grupos há um forte senso de pertencimento, assim como um orgulho por fazer parte deles. Os grupos não são totalmente homogêneos, mas tendem a uma estabilidade:

A individualidade de cada um dos elementos é assegurada; no entanto, a participação no grupo envolve uma negociação e aceitação tácita relativamente aos hábitos do grupo, pressuposto necessário à manutenção da coesão do grupo. As relações de compromisso com o grupo tendem a subsumir divergências individuais (PAIS, 1993, p. 99)

José Machado Pais vai ressaltar ainda a importância do tempo livre para a sociabilidade dos jovens. É o tempo livre e a ruptura do cotidiano que vão possibilitar a maior afirmação das potencialidades do grupo. Nesse tempo livre, os jovens estariam menos sujeitos aos controles/vigilância externos, desfrutando de uma maior zona de autonomia que, por sua vez, vai permitir o surgimento e fortalecimento dessas culturas juvenis: “As culturas juvenis são, na sua essência, culturas de lazer” (PAIS, 1993, p.188). Groppo (2000) também estabelece uma relação entre a multiplicação de grupos juvenis informais com o crescimento dos espaços modernos de lazer, da cultura do consumo e da indústria cultural no século XX. Esse contexto possibilitou certo ganho



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

considerável de autonomia para os jovens e, ao mesmo tempo, esta mesma juventude teve papel importante na consolidação do lazer inserido na cultura de massa:

O lazer tornou-se a esfera de atividades por excelência, em que se exerce o consumo moderno. As juventudes tiveram grande participação nesse processo como agentes de criação e fomento dessa esfera – na arte-cultura (jazz, rock and roll), nos lazeres de sociabilidade (bailes, festas etc.), nos esportes, entre outros (GROPPO, 2000, p. 55).

Edgar Morin (2011) já havia estudado esta relação de imbricação entre juventude e cultura de massa e apontava para uma promoção da juvenilidade nos bens culturais e a ascensão do tema da juventude como valor a ser perseguido por todos, independentemente da idade. Desta forma, segundo ele, a idade adulta se rejuvenesce e há a consolidação da adolescência como classe de idade no século XX. A ligação das culturas juvenis com as culturas de massa não deve passar a impressão de que trata-se de uma única cultura, coesa e uniforme, como se englobasse em uma só unidade a contraposição às culturas adultas. Os jovens vão produzir suas próprias sociabilidades, mas o farão de maneira plural:

Para tanto, estudei algumas práticas culturais desenvolvidas no domínio do lazer. E que descobri? Que os jovens não participam no mesmo tipo de práticas sociais e culturais; que as vivem de forma diferente; que diferentes práticas de lazer estão na base de diferentes culturas juvenis, e vice-versa; que os fundamentos de constituição, instituição e legitimação sociais dessas práticas variam de contexto para contexto social; que essas práticas sociais e culturais – embora consagrando e legitimando diferenciações intrageracionais – também consagram e legitimam diferenciações intergeracionais; enfim, que a socialização dos jovens, no domínio do lazer, origina diferentes culturas juvenis (PAIS, 1993, p.189).

Se a própria juventude é diversa – Groppo (2000) inclusive afirma haver uma multiplicidade enorme de juventudes - não poderiam as culturas juvenis ser vivenciadas de uma só maneira.

Expressões de Si

Escrever sobre a própria vida, como os relatos autobiográficos registrados em diários íntimos, por exemplo, não é uma forma de expressão exclusivamente juvenil, mas sem dúvida é uma prática que encontra terreno fértil entre os jovens. Mais do que cumprir a função de registro e arquivamento (“arquivar a própria vida”, como afirma Artières (1998)), as escritas de si e sobre si estão diretamente relacionadas ao processo de construção identitária dos indivíduos.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Para Artière (1998), nesse processo que ele chama de “arquivamento do eu”, há uma seleção – guiada por uma intencionalidade específica - dos acontecimentos que se quer registrar, uma classificação desses acontecimentos, além de uma ordenação dos mesmos em uma narrativa específica. O objetivo é dar sentido à própria vida, estando assim diretamente ligado ao processo de constituição de subjetividades. A pesquisadora Maria Tereza Santos Cunha (2007) afirma o mesmo ao estudar mais especificamente a prática de escrita de diários íntimos: “os diários, como práticas de escrita de cunho social, são atravessados pelas tensões do mundo em que se inserem e tornam-se imprescindíveis para um maior entendimento da construção de subjetividades” (CUNHA, 2007, p. 50). Mais além, Cunha diz tratar-se de uma constituição da própria alma por meio da escrita.

Para além da constituição de subjetividades, Artière aponta que o arquivamento do eu pode ainda ser visto como uma prática de contraposição, ao confrontar as imagens dos indivíduos que circulam na sociedade: “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRE, 1998, p.11).

A partir dessa discussão, podemos traçar um paralelo com as fitas gravadas por Hannah Baker na série aqui analisada. Por meio das fitas, a personagem quer contar a sua versão dos fatos vividos, em uma tentativa derradeira de se fazer ouvir, contrapondo assim a imagem que os outros têm dela e que é radicalmente diferente da que ela tem de si própria. Sabemos que Hannah prepara esse material para ser ouvido pelos envolvidos após a sua morte. Desta forma, não estaria aberta ao diálogo e a possíveis contestações, é uma tentativa, portanto, de dar uma palavra final sobre si mesma. Para o autor, o arquivamento do eu é uma tentativa de “existir no cotidiano” e, a partir daí, podemos inferir uma intencionalidade de Hannah: em seu desespero, ela acredita que tirar a própria vida é a única maneira de se fazer ouvir. Ela morre para, paradoxalmente, poder existir da forma que gostaria na lembrança daqueles que com ela conviviam. Tal como afirma Artière:

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (ARTÈRE, 1998, p.32).

Cabe aqui uma reflexão a respeito da materialidade específica dos registros que Hannah faz de si. Ela não escreve em um diário, que seria uma prática comum entre adolescentes, também não deixa



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

uma carta de despedida, como muitos suicidas fazem. Hannah recorre a um suporte inusitado para fazer os seus registros; o das fitas cassetes, muito comuns nos anos 1980, mas raras após o ano 2000. Clay, inclusive, tem dificuldade em conseguir ouvir as fitas. Primeiro recorre a um antigo aparelho de som de seu pai, depois chega a pegar escondido o toca-fitas de Tony. Hannah nas fitas explica as razões desta sua escolha: ela quer que seja difícil para os envolvidos escutarem as histórias, já que também dificultaram muito a sua vida. É como se ela, em alguma medida, estivesse tentando “dar o troco”. No episódio 1, ela afirma; “Se fosse para ser fácil, eu teria mandado um mp3”. Os ouvintes das fitas são forçados a pararem o que estão fazendo e a se concentrarem para essa escuta, não é uma atividade corriqueira, e essa escuta por si só, de certa forma, evoca a presença de Hannah, como se ela quisesse garantir que seria, pela primeira vez, ouvida com atenção. Juntamente com as fitas, Hannah envia aos destinatários um mapa em papel, segundo ela “antiquado de novo”, e sugere que seus ouvintes visitem os lugares marcados. Esses locais estão relacionados com as histórias que estão sendo contadas, eles são os cenários dos acontecimentos. É curioso que, já ao fim do seriado, os pais de Hannah recebam uma cópia das gravações da filha, mas as recebem salvas em um *pendrive*. Eles, que são de uma geração que usou fitas cassete, não precisarão dessa mídia, e escutarão a narração de sua filha pelo computador.

Vale considerar ainda a reflexão que Rosalia Winocour (2011) faz sobre o lugar da intimidade nas práticas sociais juvenis, quando ela analisa mais especificamente as redes sociais. Cunha (2007) já havia chamado a atenção para o fato de que os diários teriam o potencial de revelar aquilo que há de mais íntimo de seus autores, sendo que para ela a intimidade pode ser considerada uma das facetas mais importantes da identidade (p. 48). A investigação de Winocour busca compreender, em um contexto de imensa exibição de si nas comunidades virtuais, aquilo que seria considerado pelos jovens como sendo de caráter mais íntimo, devendo, portanto, ser resguardado de se tornar público. Para tanto, a autora empreende uma pesquisa com os próprios jovens para tentar compreender quais aspectos dessas intimidades eles consideram que devem permanecer íntimas e protegidas de visibilidade. Dentre as interessantes questões apontadas pelos entrevistados de Winocour, uma delas nos interessa de maneira mais particular: a de que “íntimo é aquilo que não se pode comunicar porque será objeto de estigmatização e acarretará sofrimento” (WINOCOUR, 2011, p. 187). Estariam aí os “segredos inconfessáveis” que, porventura revelados, trariam grande “temor em relação ao desprezo, ao escárnio ou à estigmatização”.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Podemos exemplificar também essa questão com acontecimentos mostrados em *13 Reasons Why*. Ao conhecermos aos poucos a história de Hannah Baker, percebemos que muitos dos problemas que acabaram por levá-la à decisão de tirar a própria vida passam pela invasão e desrespeito à sua intimidade, por fatos de sua vida privada que foram tornados públicos à sua revelia e de maneira distorcida. Como ela mesma aponta, seus problemas começaram quando ela se interessa por Justin Foley, aluno da escola. Após um tempo de “paquera”, Hannah e Justin marcam encontro em um parquinho infantil, eles se beijam e esse é o primeiro beijo de Hannah, mas Justin a fotografa e a foto, fora de contexto, acaba sendo publicada em redes sociais. A partir daí tem-se um dano irreparável à reputação de Hannah, sendo que a situação fica além de seu controle.

Em outro episódio, um de seus melhores amigos à época, Alex Standall, preenche junto com outros alunos uma lista julgando qual aluna tinha mais bonita cada uma das partes do corpo listadas, e ele indica o nome de Hannah, como a aluna “mais gostosa”. Além de provocar ciúmes na namorada de Alex, Jessica Davis, fazendo com que ela e Hannah brigassem, isso colocou Hannah em evidência para os alunos da escola, fazendo que passasse a sofrer os mais diferentes tipos de assédio. Para dar um exemplo ainda mais grave, tem-se o estupro de Hannah por Bryce Walker, que é crime e é a violação do corpo e da intimidade de uma pessoa contra a sua vontade. Portanto, ao ser impedida de controlar a sua intimidade e o que dela poderia ser tornado público ou não, a personagem não consegue mais gerenciar a construção de sua imagem social, o que acaba por impactar também em sua autoimagem, trazendo angústia e sofrimento. Além disso, ela foi julgada e criticada, tornou-se alvo de comentários maldosos e de estigmatização.

Vale ressaltar ainda, que essa questão dos diários e da escrita de si é abordada diretamente em um dos episódios da série. No episódio 8, Hannah conhece um grupo de poesia e começa a frequentá-lo. Lá se encontra com o aluno Ryan Shaver que concorda em ajudá-la a escrever sobre seus sentimentos. Na tentativa de orientá-la na escrita de poesia, ele lê os diários de Hannah de quando era mais nova, mas ela demonstra seu desconforto com a situação: “Só não gosto quando as pessoas leem as minhas coisas”. Em seguida, Hannah escreve uma poesia, falando sobre como se sente, mostrando-se vulnerável. Porém, ela fica profundamente abalada quando Ryan publica a poesia no jornal estudantil, sem sua autorização, ainda que anonimamente. Mais uma vez sua privacidade é violada, ao ter algo seu de caráter íntimo tornado público à sua revelia.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Condutas de Risco na Juventude

A temática principal de *13 Reasons Why* é o suicídio de uma adolescente. Para além desta, há também outras situações mostradas em que os jovens se colocam em situação de perigo, como abuso de bebidas alcoólicas, dirigir enquanto embriagado e uso recorrente de drogas. Esses comportamentos, que David Le Breton (2012) denomina de “condutas de risco” são comumente associados aos jovens:

O termo condutas de risco é um dos mais complexos e engloba uma série de comportamentos díspares que expressam, simbólica ou realmente, a existência do perigo. Ele é comumente relacionado com a exposição deliberada do indivíduo a situações de risco de se ferir ou morrer, de alterar seu futuro pessoal ou de colocar sua saúde em perigo: desafios, tentativas de suicídio, fugas, inconstâncias, alcoolismo, toxicomanias, transtornos alimentares, velocidade em estradas, violências, relações sexuais sem proteção, recusas ao recebimento de tratamento médico vital. Estes comportamentos arriscados não se reduzem a um jogo simbólico com a eventualidade de morrer ou ser, de algum modo, violentamente ferido; eles acontecem também, algumas vezes, com discrição, mas mantendo as potencialidades de perigo para o jovem ao alterar suas possibilidades de integração social, resultando, às vezes, na perda de identidade, como no caso da errância, da adicção ou da adesão a uma seita (LE BRETON, 2012, p. 34).

Para o autor, os jovens apresentam uma propensão maior a arriscar suas vidas porque estão vivenciando nesta fase – de maneira bem mais intensa que os adultos - o processo tantas vezes difícil de construção de identidades. Além disso, os jovens possuem menos recursos (psicológicos, financeiros e de experiência de vida) para lidar com o sofrimento, que assume aspectos de um drama sem saída, uma vez que não conseguem colocá-lo em perspectiva. Não são raras as vezes em que os adultos minimizam esse sofrimento, reduzindo sua importância, mas para Le Breton trata-se de uma não compreensão das subjetividades juvenis por parte dos adultos.

Ainda de acordo com o autor, as condutas de risco são tentativas de busca de sentido pelos jovens, para que seja possível ultrapassar as barreiras que se apresentam e que se mostram intransponíveis. Eles se veem sem saída e se arriscam em uma tentativa derradeira de retomar o controle da própria vida. Com a exposição provocada e voluntária ao perigo, se expõem conscientemente a mais sofrimento, desta vez físico, em uma busca desesperada por “sufocar” o sofrimento da alma. Ao menos, o sofrimento que ele mesmo provoca, ele pode controlar. Os jovens querem mostrar a si mesmos que controlam seus corpos, frente a uma total incapacidade de controlar o mundo à sua volta, e os efeitos tantas vezes opressores do mundo em suas vidas cotidianas:



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Estas provas que os jovens se infligem são ritualizações selvagens de uma passagem dolorosa, momentos 'transitórios', ou melhor, seus próprios corpos são um objeto de transição projetado, algumas vezes, severamente contra o mundo para poderem continuar um caminho denso de perturbação. Na fase da adolescência, quando os fundamentos do sentimento de si são ainda frágeis e vulneráveis, o corpo é o campo de batalha da identidade. Raiz identitária, o corpo assusta em razão de suas transformações, as responsabilidades que ele implica em relação aos outros, a sexualização, etc. Preso ao mundo, ele é o único meio para se retomar o controle de sua própria existência. A ambivalência faz dele objeto transitório destinado a amortecer o choque de uma entrada problemática na idade adulta. Apesar de suas transformações e de sua inquietante estranheza, o corpo é a única conexão permanente com o ser ao longo do tempo e dos eventos, mesmo se ele às vezes se esquivava (LE BRETON, 2012, p. 40 e 41).

Analisando especificamente o caso de Hannah, quando ela decide tirar a própria vida, ao se automutilar, está tentando exercer controle sobre o próprio corpo, corpo esse que foi invadido, desrespeitado e tornado público, sem o seu consentimento e sem que ela pudesse evitar. Le Breton afirma que, muitas vezes, o jovem não tem a real intenção de morrer, apesar de assumir conscientemente correr esse risco. Ele está lançando mão de um último recurso para retomar o sentido da vida e controle de sua existência. Hannah, porém, parece que desde o início está mesmo decidida a tirar a própria vida. Ela não age impulsivamente, prepara o cenário, planeja cuidadosamente o desenrolar dos fatos após sua morte, elabora seu acerto de contas com aqueles que a fizeram sofrer. Neste caso, há aí um caráter também de vingança. Para forçar seus destinatários a ouvirem as fitas, tal como planejou, Hannah avisa que caso não o façam, uma cópia das fitas será vazada publicamente, expondo seus algozes.

O seriado mostra em detalhes a cena de automutilação e suicídio de Hannah Baker, o que provocou debate entre os profissionais principalmente de áreas ligadas à saúde e educação. Se por um lado, alguns defendem que colocar o assunto em pauta é válido, incitando que os jovens falem sobre seus problemas e peçam ajuda, há outros que alertam para o risco da romantização do suicídio e que pessoas já fragilizadas poderiam se sentir impulsionadas para de fato levarem a ideia do suicídio adiante. Por conta da polêmica, uma abertura foi incluída na série, tempos depois da estreia, passando a mostrar, no início do primeiro episódio, falas alternadas dos atores principais com o seguinte alerta:

13 Reasons Why é uma série ficcional que aborda questões difíceis do mundo real como agressão sexual, uso de drogas, suicídio e muito mais. Falando sobre esses temas complicados, esperamos que nosso programa estimule uma conversa. Mas se você estiver passando por algum destes problemas, talvez esta série não seja para você. Ou seja melhor assisti-la com um adulto confiável. E, se sentir que precisa conversar com alguém, fale com seus pais, com um amigo, um conselheiro escolar, ou um adulto em quem confia, ligue para um serviço de ajuda local ou



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

acesse 13reasonswhy.info. Porque quando você fala sobre o problema, fica mais fácil (13 REASONS WHY, 2017, Episódio1)

Após o último episódio da série, há um conteúdo extra, intitulado *Tentando entender os porquês*. Nele, produtores, diretores, atores e demais membros da equipe técnica da série, além de profissionais da área médica como psiquiatras e psicólogos, falam sobre a motivação para abordar assuntos delicados e dos cuidados que procuraram tomar ao fazê-lo. É uma tentativa também de se posicionar frente às críticas de que poderiam influenciar a tomada de decisão de um jovem pelo suicídio, como pode ser observado em falas como: “Como sociedade, temos a tendência de fugir desses temas delicados... isso é um problema e precisa ser abordado”; e “A questão do suicídio é um assunto desconfortável, mas ele acontece então precisamos falar disso, e é perigoso não falar disso porque sempre há espaço para ajuda” (13 REASONS WHY, 2017, Episódio Extra).

Este é um caso que exemplifica não só a discussão que uma obra midiática pode provocar na sociedade, como também a influência da sociedade nessa obra, que teve que sofrer alterações para atender à demanda de agentes sociais, processo esse que está no cerne das representações sociais.

Considerações Finais

É difícil vivenciar a condição de adolescente, essa fase em que as identidades estão em turbulenta instabilidade, período de transitoriedade entre a infância e a vida adulta, de distanciamento da família e de busca por novas sociabilidades. Tudo isso faz com que se imponha ao jovem uma busca quase desesperada por sentidos no mundo e em sua existência. Esse contexto é o pano de fundo para os três aspectos juvenis estudados aqui.

O arquivamento do eu e os registros de si dos jovens mostram uma tentativa de compreensão de si mesmos e do mundo à sua volta, sendo também uma prática de resistência, quando se busca combater a imagem social corrente. As culturas juvenis, plurais que são, mostram os jovens como agentes de mudança social, cujas práticas de lazer próprias consistem também em práticas de comunicação. Ao mesmo tempo em que referenciam as subjetividades desses indivíduos, as culturas juvenis são também lugar de acolhimento e de senso de pertencimento, fornecendo certa proteção, mas também convocando a uma participação ativa. As condutas de risco, por sua vez, refletem as tentativas



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

desesperadas por busca de sentido e a necessidade que os jovens sentem de retomar o controle de suas vidas. Estão cientes dos riscos e se colocam propositalmente em perigo, em busca de algum alívio para um sofrimento que consideram maior e que se configura perante eles como implacável e intransponível. Os jovens se colocam em perigo em uma derradeira tentativa de encontrar um aporte simbólico que propicie retomar a condução da própria vida.

Os jovens buscam sim encontrar seu lugar no mundo, mas antes disso, precisam compreender a si mesmos enquanto indivíduos. Múltiplos e não homogêneos, experienciam a juventude movidos por questões subjetivas, sendo, ao mesmo tempo, agentes sociais e de mudanças no mundo.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: **Revista Estudos Históricas**, v. 11, n. 21, 1998, p. 9-34. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso 17 Fev. 2018.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. In: **Revista Patrimônio e Memória**, UNESP, v. 3, n. 1, 2007, p. 45-62. Disponível em <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/8/455>. Acesso 17 Fev. 2018.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: PUC Rio; Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LE BRETON, David. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. In: **Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais**. N. 37, Outubro de 2012 - pp. 33-44.

MORIN, E. **Cultura de massas no século XX. Volume 1: Neurose**. 10ª edição. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2011.

_____. **Cultura de massas no século XX. Volume 2: Necrose**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2011.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: INCM, 1993, p. 89-193.

ROCHA, R. de M. Comunicação e Consumo: por uma leitura política dos modos de consumir. In: BACCEGA, M. A. (Org.). **Comunicação e Culturas do Consumo**. São Paulo: Atlas, 2008.

WINOCUR, Rosalía O lugar da intimidade nas práticas de sociabilidade dos jovens. In: **Matrizes**, USP, vol. 5, n. 1, jul-dez., 2011, pp. 179-193. Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143022280010>. Acesso 17 Fev. 2018.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Seriado

13 Reasons Why

Direção: Carl Franklin, Gregg Araki, Helen Shaver, Jessica Yu, Kyle Patrick Alvarez, Tom McCarthy.

Estreia: 31 de março de 2017 (mundial)

Duração: 716 min.

País: Estados Unidos

Distribuição internacional/ exportação: Netflix